



**Entrevista com os netos de Júlia Lopes de Almeida:  
Claudio e Fernanda Lopes de Almeida**

***An Interview with Júlia Lopes de Almeida's Grandchildren:  
Claudio and Fernanda Lopes de Almeida***

Anna Faedrich

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

anna.faedrich@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-3734-2595>

Michele Asmar Fanini

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

michele.fanini@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3211-3950>

Testemunha ocular e intérprete eloquente de um dos períodos históricos brasileiros de maior efervescência cultural, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) se notabilizou em vida como uma das escritoras mais publicadas da virada do século XIX para o XX. Contrastivamente, sua obra atravessou as décadas subsequentes ao seu falecimento desfrutando de pouca visibilidade, quadro que apenas se alteraria a partir da década de 1980, quando de sua “redescoberta” pela academia. Recentemente, publicações de sua lavra, como é o caso de *A falência* (1901) e *Ânsia eterna* (1903), foram incluídas na lista de leituras obrigatórias para os vestibulares de instituições como UNICAMP, UFRGS e UFSC.

Na entrevista a seguir, estruturada em duas partes, os netos da escritora, os irmãos Claudio e Fernanda Lopes de Almeida, rememoram passagens biográficas pouco conhecidas a respeito não apenas da avó, mas da família Almeida, conduzindo-nos por lugares da memória carregados de afeto. Reconstroem, por exemplo, os percursos do arquivo pessoal da escritora, destacam seu gosto pelos “jardins floridos”, atentam para

a intensidade de seu vínculo com o casarão de Santa Teresa, local que ainda hoje guarda em seus alicerces um tesouro familiar, ressaltam o pioneirismo e arrojo da avó, opinam sobre seu não ingresso na Academia Brasileira de Letras e partilham do desejo de verem criada uma Casa de Cultura Júlia Lopes de Almeida, quiçá no antigo casarão de Santa Teresa, por meio da qual seria possível dar “nova visibilidade”, nas palavras de Fernanda, ao seu vasto e inesgotável legado.

## Parte 1

### Claudio Lopes de Almeida

**Anna Faedrich e Michele Asmar Fanini:** *Quando e como o senhor se tornou responsável pelo arquivo pessoal de Júlia Lopes de Almeida?*

O arquivo da “Família Lopes de Almeida”, ao que tudo indica, foi obra da Margarida, que tinha inegavelmente um dom de arquivista. Segundo Fernanda, Julinto<sup>1</sup> (como o próprio Filinto costumava intitular) teriam guardado muita coisa deles, mas somente guardado. Eu imagino que é o caso, por exemplo, das crônicas da *Gazeta de Campinas* que se iniciaram com “Gemma Cuniberti” em 7 de dezembro de 1881 e continuaram até Júlia deixar Campinas, com a família, para ir para Lisboa, onde Filinto foi encontrá-la para lá se casarem. Essas crônicas estão encadernadas e coladas de recortes do jornal original (1881... Margarida nasceu em 1896). Não há indícios que Júlia tivesse o dom do “arquivar”... mesmo que tentasse, Júlia era ocupadíssima; mãe seis vezes; dois filhos morreram na primeira infância e quatro fizeram-lhe a felicidade. Além de amamentar cada filho por mais de um ano e ser mãe muito zelosa, ela era dona de casa excelente, cuidava pessoalmente do jardim, mantinha, com o marido, intensa vida social e cultural e, com incrível energia e firmeza de propósito, conseguia, em meio a isso tudo, estar sempre escrevendo crônicas, romances, teatro, conferências. Quem, com uma vida assim, teria tempo para organizar um grande arquivo? A grande criadora do arquivo foi a Margarida, que cuidava também do seu arquivo pessoal, como declamadora de grande sucesso. Nesse sentido, há muitos cadernos

---

<sup>1</sup> Junção de Júlia e Filinto.

(em meu poder), confeccionados por Margarida, com notícias de revistas e jornais coladas.

Quando a Júlia morreu (precocemente de malária, um mês depois de retornar da África), eu tinha 4 anos e a Fernanda, 6 anos. Éramos muito pequenos, minhas lembranças “ao vivo” da vovó Júlia são mínimas, mas doces. Fernanda tem muito mais lembranças. Já com Margarida, minha convivência foi total. Convivi com ela e com o vovô Filinto, em Copacabana, até quando ele faleceu, em janeiro de 1945 (aos meus quase 15 anos). Margarida se mudou para Santa Teresa em 1945 e lá permaneceu até morrer em 1983. Eu fui morar no mesmo casarão, em outro andar, em 1954 (aos 24 anos) e fui vizinho, sobrinho, amigo, e como ela dizia, filho que não tivera. Acompanhei-a diariamente até sua morte, em 1983 (eu então com 53 anos). Com ela e com meu pai, que era vizinho próximo, também em Santa Teresa, tomei conhecimento de muitos fatos familiares. Com Fernanda até hoje, nem se fala!!! Poucos anos antes de morrer, Margarida me pediu para doar o acervo para a Casa de Ruy Barbosa e o retrato a óleo do pai de Júlia, então Visconde de São Valentim, para a Beneficência Portuguesa de Campinas, da qual fora fundador. Disse-lhe que, quanto ao acervo, eu é que iria cuidar dele. Ela respondeu “faze como quiseres” (Todos os Lopes de Almeida usavam o tratamento na segunda pessoa, à moda portuguesa, com gramática correta. Influência do meio familiar: Filinto e os pais de Júlia eram portugueses natos, sendo que os pais vieram para o Brasil já adultos). E comecei a cuidar desse acervo ainda em vida da Margarida. O acervo (duas malas grandes e cheias), era geral, incluía todos – além de muito de Júlia, muito da Margarida, Filinto, Afonso, Albano, Lucia e terceiros. A biblioteca teria talvez uns 2.000 livros. Quanto ao quadro do Visconde (enorme), eu prometi que levaria para Campinas. E um dia levei. Fui no meu carro com o quadro embalado dentro dele. E o quadro não ficou lá, voltou comigo. A história é longa; tive o apoio da CAJU<sup>2</sup> Ana Beline e de seu marido (que moravam em Campinas). Ana Beline marcara um encontro com o responsável pelo patrimônio cultural da Beneficência, para receber a doação. Na conversa, ele me disse que o

---

<sup>2</sup> Forma carinhosa com que Claudio Lopes de Almeida se refere às e aos estudiosos da trajetória social e literária de sua avó. Logo na sequência da entrevista, Claudio tratará exclusivamente das/dos CAJUs.

quadro não poderia ficar exposto e iria para a pinacoteca da Beneficência; não tive tempo de ficar decepcionado... ele continuou: temos um salão dos fundadores, muito bonito, e seu bisavô está lá retratado com mais umas dezenas de personalidades ligadas à fundação. Convidou-me para ir ver. Permitiu-me fotografar (fotos no meu acervo). Reconheci logo qual era o Valentim (um total talvez de 40). Havia uma biografia de cada um deles. Dizia que Valentim fora também fundador da Santa Casa de Campinas (na época eu não sabia; hoje já tendo lido a autobiografia do Valentim, eu sei muito mais coisas). Preferi então tentar a Santa Casa. Lá chegando, aconteceu a mesma coisa. Havia um belo salão dos fundadores e personalidades, outro retrato do Valentim... visitei e fotografei... e o quadro voltou para o Rio comigo. Ana e o marido me convidaram para almoçar antes do meu retorno.

Voltando ao acervo: comecei doando a maior parte desses livros. Ofereci a maioria para as CAJU. Não me lembro bem com foi, mas o acadêmico Antônio Carlos Secchin entrou em contato comigo. Doeilhe alguns livros, fotos e outros documentos (ele tem uma biblioteca particular muito boa). Convenceu-me a doar o arquivo do Filinto para a ABL. E eu assim o fiz. Em uma reunião na ABL, com direito ao famoso *Chá da tarde*, recebi uma carta com os seus (ABL) agradecimentos. Anos depois, sabendo de minha dificuldade de a quem doar o acervo da Júlia (Casa de Ruy Barbosa – sim e não; Instituto Moreira Sales – sim e não – etc.), o Secchin me disse que a ABL receberia o acervo da Júlia com muita propriedade e que vinha recebendo de outras personalidades não da ABL. E assim aconteceu. Os anos, a idade, começaram a pesar em mim. Já fizera muita coisa. Senti que nada mais estava fazendo e que o acervo iria ficar perdido. Atendendo à sugestão do Secchin, doei o acervo para a ABL.

**AF e MAF:** *Conte-nos um pouco sobre as/os CAJU (o que é, como surgiu etc.) e sua relação com elas/eles.*

O termo CAJU foi inventado por mim. Por volta dos anos de 1970, apareceu a primeira admiradora da Júlia. Chamava-se Dawn Jordan. Era uma americana, estudiosa da literatura brasileira que ganhou uma bolsa de estudos para pesquisar no Brasil. Margarida atendeu-a e ficou meses (mesmo) abrindo as malas com o acervo da família e contando histórias para ela. Naquele tempo, não havia xerox, muito menos PC e internet,

e ela anotava tudo. Ficou com um acervo maravilhoso. Infelizmente, os anos se passaram e ela abandonou a profissão. Foi a primeira vez que eu prestei atenção que havia um acervo. Uma CAJU procurou-a nos Estados Unidos, mas ela se negou a doar suas anotações, disse que iria um dia escrever uma biografia (infelizmente, o tempo passou e ela não fez). Muitos anos depois, com a Margarida já falecida, começaram a aparecer estudiosas da Júlia. Procuraram a Fernanda, muito conhecida, herdeira do talento literário dos Lopes de Almeida. Fernanda informou-as que o acervo ficara com Margarida e depois comigo. Então, as Admiradoras de Júlia (AJU) começaram a me procurar. Logo procurei uma palavra para formar CAJU, nome muito simpático. O primeiro C que escolhi foi Centro das Admiradoras da Júlia. (Coisa que engenheiro usa muito: linha de centro, centro de gravidade, centro do círculo...). Uma CAJU, todas muito amigas, sugeriu *Confraria*, que eu, agradecidamente, adotei (tenho uma lembrança que foi a saudosa [Zahidé] Muzart). Então, CAJU, hoje, significa Confraria das Admiradoras da Júlia. (Refiro-me às CAJU, no feminino, porque elas são a maioria “absolutíssima”; do masculino, o que conheço melhor é o Deivid Costruba, que fez na apresentação de sua tese uma muito boa biografia de Julinto). Algumas CAJU tiveram contatos demorados comigo. É o caso da Rosane Salomoni e da Nadilza Moreira. Ambas fizeram uma varredura total no acervo. Ficaram semanas na minha casa. Eu saía para trabalhar e elas ficavam. Outra que estudou bastante foi a Peggy Sharpe. Do sexo masculino, Deivid Costruba é com quem tenho tido mais contato. Sua dissertação de Mestrado *Conselho às minhas amigas”: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896-1906)* (Análise da imagem da mulher nos *Livros das Noivas* e no *Livro das Donas e Donzelas*) apresenta uma biografia de Júlia e Filinto que é excelente, talvez a melhor (poucos enganos perdoáveis). Tenho contato também com os CAJU Sergio Fonta e Secchin.

### **Fernanda Lopes de Almeida**

**AF e MAF:** *A senhora poderia nos falar um pouco sobre sua trajetória como escritora? Quando o gosto pelas letras aflorou? Em quais autores encontra inspiração?*

Desde muito pequena inventava histórias que contava para quem quisesse ouvir. Gostava muito também de ficar com um livro aberto na minha

frente, fingindo lê-lo em voz alta. Meus avós me convidavam para “ler” para eles, durante o jantar dos adultos (o das crianças era antes). Essa é uma das gratas lembranças que tenho desse breve tempo. O gosto pelas letras, portanto, aflorou antes de ser alfabetizada. Minha mãe, por sua vez, tinha o hábito de ler alto para mim, principalmente contos de fadas, e eu ouvia as histórias com verdadeira paixão. Quando aprendi a ler foi só continuar um hábito já adquirido. Por volta dos 8 anos, comecei a escrever historinhas e poesias. Quanto aos autores nos quais encontro inspiração é difícil responder. Foram vários, em épocas diversas. Eu lia tudo que me caía nas mãos e o que devo ao hábito da leitura é impossível descrever em poucas linhas.

Não trilhei propriamente a carreira literária. Não fui como minha avó, que a isso se dedicou a vida inteira. Embora escreva desde criança, como aliás é comum acontecer com escritores, cursei psicologia e exerci a profissão por 25 anos. Continuei escrevendo, mas publicava esporadicamente. Escrevia até então para adultos, contos e crônicas publicados aqui e ali, através de concursos literários, jornais e revistas. Tinha no início grande influência da literatura de minha avó, que já havia lido toda aos meus 13, 14 anos. Depois vieram outras vivências, outras experiências, e fui me libertando dessa influência inicial. Acho, porém, que ela foi um aprendizado muito importante. Muitos anos mais tarde, quando me dediquei à literatura para crianças, minha principal influência foi Lobato, ídolo da minha infância, mas dessa tutela me desliguei rapidamente, pois já estava muito mais consciente do que queria dizer e como dizê-lo.

**AF e MAF:** *Apesar do pouco tempo de convivência com a avó, a senhora guarda lembranças da escritora? Poderia compartilhar algumas delas conosco?*

Meus avós moravam na França quando nasci. Quando voltaram, eu era muito pequena. Lembro-me que se hospedaram num hotel, perto da nossa casa, na rua Santa Clara, em Copacabana. Chamava-se Hotel Londres e ficava na Avenida Atlântica. Não me lembro nada do lugar, mas me lembro vagamente de idas e vindas para visitar os avós. Depois, fomos morar com eles, na casa que alugaram na mesma Avenida Atlântica e dessa temporada tenho vagas lembranças. Mas a mais marcante é a de uma vez em que minha mãe saiu, deixando-me com minha avó. Ela

estava numa cadeira de balanço, cozendo e me dando corda. Eu, que não precisava de muito para ficar com a corda toda, desatei a contar histórias. Lembro-me que ela me ouvia com encantamento, com toda a corujice a que uma avó tem direito. A certa altura, ela me perguntou o que eu queria ser quando crescesse. Respondi que ainda não sabia. Ela então me sugeriu que eu poderia ser florista. Achei ótima ideia, embora não soubesse bem do que se tratava. Explicou-me que era ser dona de uma loja de flores. Mas me descreveu isso de um modo tal que me fascinou. Desde então, durante bastante tempo, não tive a menor dúvida de que quando crescesse ia ser florista. Nenhuma outra profissão era tão linda. E de certo modo fui, pois tanto na psicologia como na literatura da segunda fase, me dediquei a crianças. É um modo de ser florista.

**AF e MAF:** *A senhora conviveu com Margarida Lopes de Almeida? Há histórias e memórias sobre Júlia que ela compartilhou com a senhora e que gostaria de nos contar?*

Sim, todos nós, sobrinhos, convivemos muito com nossa tia Margarida. Todos os domingos íamos passar o dia no casarão de Copacabana, que era dirigido por ela, após a morte de Júlia. Além de declamadora, famosa na época, boa escultora e poeta bissexta, ela era uma emérita cozinheira e os seus pratos nunca são esquecidos pelos sobrinhos. Depois, em Santa Teresa, para onde se mudou após a morte de Filinto, viemos a ser vizinhos dela, por muitos anos. Ela era uma grande conversadora, como aliás todos na família, e contava muita coisa. Memórias de Júlia eu as recebi em profusão, dela, de meu avô Filinto, mas principalmente de meu pai, Albano, com quem convivia diariamente. Eis uma história que ele contava: um dia, voltando da Escola de Belas Artes, onde estudava pintura, encontrou as irmãs Figueiredo (conhecidas musicistas da época), amigas da família, paradas na escada, escutando. Elas puseram o dedo nos lábios, pedindo silêncio a meu pai. Estavam ouvindo Júlia, que tocava Chopin ao piano. Quando afinal entraram e Júlia descobriu que estava sendo ouvida, ficou confusíssima. “Mas eu não sei tocar! Estava tocando para mim mesma! Imaginem ser ouvida logo por vocês!”. As irmãs concordaram: “A senhora não sabe tocar, mesmo. Mas poucas vezes ouvimos alguém compreender Chopin tão bem”. Estavam enlevadas com aquele talento ignorado. E que ignorado ficou para sempre.

## Parte 2

### Claudio e Fernanda

**AF e MAF:** *Dentre os livros de Júlia Lopes de Almeida, vocês têm predileção por algum? Por quê?*

**Claudio:** *A falência mexeu comigo. Quando li a primeira vez, eu já era empresário e ficava impressionado e nervoso, acho que ia me identificando com o Francisco Teodoro... e parava de ler. Isso aconteceu várias vezes.*

**Fernanda:** *Há bastante tempo que não os releio. E as predileções mudam com o passar do tempo. Estou projetando reler a obra dela, mas vamos ver quando conseguirei fazê-lo. Em jovem, tinha predileção por *Cruel amor*. Em parte, pelo ambiente praiano, tão bem descrito, os espaços abertos, a natureza que, tanto quanto ela, amo muito, em parte, pela descrição dos caracteres, que me parecia muito penetrante. E em parte, talvez, por identificação com meu pai, Albano, que tinha boas lembranças desse livro. Era ele, no fim da adolescência, quem acompanhava a mãe, nas diversas excursões que ela fez ao então remoto bairro de Copacabana, ainda em estado quase primitivo. Entravam em casebres de pescadores, minha avó os entrevistava com aquele seu jeito peculiar de deixar as pessoas à vontade e andavam por todos os lados, como bons andarilhos que ambos eram, descobrindo a região. Sente-se essa intimidade no livro.*

**AF e MAF:** *Gostaríamos que nos falassem um pouco sobre o casarão em Santa Teresa e, especialmente, sobre o Salão Verde.*

**Claudio:** *Júlia e Filinto compraram um lote de terreno do Dr. Joaquim Murtinho. Quando visitei o local pela primeira vez (pouco depois do ano 2000), “escalei” o terreno morro acima e desisti de continuar, estava virando mato. Suponho que o lote fazia fundos com o terreno que veio a ser o casarão da Laurinda Santos Lobo. O casarão Julinto começou a ser construído por volta de 1900. Note-se que a penúltima filha de Julinto, Margarida, nasceu na Rua Aprazível em S. Teresa, em 1896, e que a última filha, Lucia, nasceu na Rua do Curvelo, em Santa Teresa (hoje rua Dias de Barros), em 1899. Julinto estavam, portanto, “estabelecidos” em Santa Teresa. Segundo seu filho Albano, meu pai, eles montaram um baú com*



informações da época, jornais, revistas, cada filho escreveu alguma coisa, Lucia, a caçula, estava na primeiríssima infância e colocou “garranchos”; certamente Julinto escreveram coisas bonitas. O baú foi enterrado junto aos alicerces da casa, para que as futuras gerações viessem a encontrá-lo, em possíveis escavações. A ideia foi de Júlia (e tem a cara dela, não é?). Infelizmente, meu pai (na época com 6 ou 7 anos) não se lembrava do local onde ele foi enterrado e eu não pude tentar desenterrar essa relíquia. Está lá até hoje. Júlia, como é sabido, tinha um amor especial pelas plantas e árvores. Cuidava de seu jardim ela mesma. Há relatos de admiradores que, quando passavam de bonde na rua, a viam cuidando das suas roseiras. Além das roseiras, todas as plantas e árvores eram supervisionadas por ela. Seu jardim era todo arborizado e verde. Nesse jardim, ela construiu um palco e uma plateia. Até hoje é possível ver “rastros” dessa construção (quase 100 anos). Onde era a plateia, hoje é uma piscina. Percebe-se claramente onde foi o palco. Nesse palco, foram encenadas muitas peças e espetáculos culturais. Um espetáculo famoso foi o *Nos Jardins de Saul*, cujos atores eram seus filhos e “agregados” (minha mãe, noiva de meu pai, participou). Foi amplamente noticiado na *Revista da Semana* – consta do CD *D. Júlia*.<sup>3</sup> D. Júlia chamava esse local de Salão Verde e costumava dizer que, quando fazia bom tempo, gostava de receber seus convidados no Salão Verde. Havia, porém, um salão dentro de casa, com tudo o que um salão da época costumava ter, inclusive um piano, que era frequentemente usado nos saraus.

**Fernanda:** Sobre o Salão Verde o Claudio já falou. Sobre o casarão, ele mereceria um livro inteiro.

**AF e MAF:** *Qual a visão de ambos a respeito do “não ingresso” de Júlia Lopes de Almeida na Academia Brasileira de Letras?*

**Claudio:** Não tenho uma visão clara do não ingresso de Júlia na ABL. Sei que Filinto, Lúcio de Mendonça e mais uns poucos eram favoráveis. Disse-me a Margarida que o Machado era radicalmente contra e que com seu poder de persuasão levou quase todos a ser contra. Acho que

---

<sup>3</sup> Claudio Lopes de Almeida providenciou a compilação e a digitalização de grande parte dos documentos que compõem o arquivo pessoal de Júlia Lopes de Almeida, disponibilizando-os, em CDs, aos interessados em estudar a obra da escritora.

essa história de copiar o modelo francês era uma forma de disfarçar o machismo deles.

Obs.: Sobre a lenda de Filinto ter entrado para a ABL por “falso prestígio”, ou por “gentileza compensatória” ou sofrer as “maledicências de bastidores” de colegas com o “acadêmico consorte”, “penetra”, e outros, tenho uma visão bem acertada, baseada na Margarida, que sabia bem da verdade e que aliás deixou uma biografia do Filinto. Ouso até dizer, baseado nos estudos que venho fazendo do vovô, que eu acho (a opinião é só minha, nunca ouvi isso da família) que Júlia não teria sido cogitada para a ABL, se não tivesse também a projeção de sua ligação com Filinto, que era conhecido, amigo e querido dos principais acadêmicos – Lúcio de Mendonça, Valentim Magalhães, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Irmãos Artur e Aloisio Azevedo, Alberto de Oliveira.... Filinto poderia ser “menor” que Júlia (comparação difícil), era menor que Machado, era menor que Bilac, mas era maior que muitos dos 40... então, ele entraria de qualquer modo pelos seus próprios méritos. Filinto não era só poeta, era jornalista, dramaturgo, redator, poliglota, tradutor. Na biografia que estou levantando dele, verão muito mais.

**Fernanda:** Principalmente submissão ao modelo francês. Naquela época, a influência da França no Brasil era enorme (moda, gastronomia, vocabulário todo entremeado de palavras e expressões francesas, literatura etc.). Secundariamente, talvez alguns acadêmicos sofressem mesmo de “misoginia literária”, é mais que provável, mas acredito que, se na França já houvesse mulheres na Academia, a realidade aqui seria bem outra.

**AF e MAF:** *Como gostariam que Júlia Lopes de Almeida fosse lembrada? Acham possível a criação de uma Casa de Cultura Júlia Lopes de Almeida ou algo similar para a preservação de sua memória?*

**Claudio:** Ficaria muito feliz com a criação da Casa de Cultura Júlia Lopes de Almeida. Principalmente se fosse possível adquirir o casarão do Salão Verde, que está à venda... Para nós, da família, é impossível. Mas para um grupo de pessoas, quem sabe seja possível divulgar essa ideia?

**Fernanda:** Gostaria que fosse lembrada como a pioneira que foi, em várias áreas. Seus lados conservadores não são nada, se comparados

com o seu arrojo numa sociedade tão cheia de preconceitos como era a de então. E acho admirável também sua sabedoria de levar esse arrojo até onde era possível levar, sem pôr em risco o prestígio que tinha e, por consequência, já não ter voz para defender as causas que, às vezes sutilmente, defendia. Talvez hoje seja difícil avaliar quanta audácia, e ao mesmo tempo quanta prudência, eram necessárias para tudo isso.

Quanto à Casa de Cultura, ou algo similar, seria um ato de justiça. É um sonho difícil de realizar, mas não impossível. E daria nova visibilidade ao nome dela.

**AF e MAF:** *Há alguma lembrança sobre Filinto de Almeida que gostariam de compartilhar conosco?*

**Claudio:** Lembranças pessoais, tenho muitas até os 15 anos, mas só as familiares e sempre muito gostosas. Todos os domingos, ele e Margarida reuniam a família no casarão de Copacabana, onde almoçávamos e depois, à tarde, havia sarau literário com as visitas sempre de acadêmicos, candidatos a acadêmicos, poetas etc. Fernanda participava de todos e eu ia para meus interesses de garoto de 14 anos, com um pendor inato para mecanismos e engenhosidades. Filinto não tinha a visível doçura da Júlia, mas era, no entanto, amorosíssimo. Na entrevista com João do Rio, fica claro o pai amoroso.<sup>4</sup> No livro *D. Júlia*, que publicou após a morte dela, em edição particular, só para a família e amigos, fica claro o marido amantíssimo. Júlia disse, também ao João do Rio, que seu livro preferido era *A casa verde* (escrito em colaboração com Filinto), porque lembrava os bons momentos dela com o marido. Fernanda, “expert” em estilos literários, diz que distingue com facilidade os capítulos escritos pela Júlia e pelo Filinto.

**Fernanda:** Tenho inúmeras lembranças de meu avô e entre elas muitas histórias que mostram sua nobreza de caráter e a generosidade sem alardes da sua conduta com familiares, amigos e subordinados. Mas aqui vou mencionar apenas dois instantâneos, ambos tocantes, que nunca esqueci. Um: ele chorando, comovido, na cerimônia religiosa das Bodas de Ouro de meus avós maternos. Ele quase chegara lá com a sua Júlia, mas a

---

<sup>4</sup> A entrevista integra a crônica “Um lar de artistas”, originalmente publicada em 23 de março de 1905, na *Gazeta de Notícias* e, posteriormente, incluída no volume *O momento literário* [1908?].

perdera antes. Comoveu a todos nós, com a sua comoção. Dois: ele, no grande terraço adjacente ao seu quarto, alimentando os passarinhos com as sobras de pão que tinha recolhido após o café da manhã da família. Ele fazia bolinhas com elas para dá-las aos pássaros. Devia haver mais alimentos, mas é do cerimonial das bolinhas que me lembro. Ele os chamava com um assobio peculiar, do qual me recordo até hoje, e eles vinham em revoada. Pousavam ao seu redor, nos seus ombros, na sua cabeça, tal a confiança que tinham nele. Quadro encantador, do qual jamais me esquecerei.

**AF e MAF:** *Deixaremos esta última pergunta em aberto, caso desejem falar sobre qualquer/quaisquer assunto(s) que considerem importante(s) e que não tenha(m) sido contemplado(s) na entrevista.*

**Claudio:** Já fui muito prolixo!!! Estou compilando dados familiares biográficos de Júlia e Filinto, para deixar à disposição dos estudiosos. Pedi ajuda da Fernanda.

**Fernanda:** Para melhor entendimento do que Claudio, ou eu, viemos a contar, é interessante esclarecer o percurso de parte da família Almeida, de volta ao bairro de Santa Teresa, após a morte de Filinto, em 1945.

Em 1925, Margarida tinha tirado prêmio de viagem da Escola de Belas Artes (curso de Escultura) e ia para Paris. Filinto precisava fazer uma estação de águas em Portugal. Foi o bastante para a família que, ao lado de certa estabilidade burguesa, tinha também um viés aventureiro, resolver mudar-se para a Europa. Venderam o casarão e foram partindo aos poucos. Primeiro partiu Margarida, para Paris. Logo depois, Filinto foi para sua estação de águas, acompanhado de Lúcia. Afonso, já casado, estava no estrangeiro, em cargo diplomático. Meus pais, Albano e Nadine, recém-casados, foram passar um mês com Júlia, para ajudá-la a acabar de desmanchar a casa e partir com ela para a Europa. Isso tudo foi em meados de 1925. No fim, reuniram-se todos num apartamento em Paris, onde o casal Júlia e Filinto morou por vários anos. Albano e Nadine retornaram ao Brasil dois anos depois. Lúcia casou-se com Carlos de Noronha e foi morar em Moçambique, onde ele tinha um cargo no governo. Ficaram Júlia, Filinto e Margarida. O casal voltou ao Brasil em 1932 ou 1933 (é um dado que não tenho com exatidão). Margarida foi a única que lá permaneceu. Chegado ao Brasil, o casal foi morar na

já mencionada casa da Avenida Atlântica, com o filho Albano, nora e netos (Claudio e eu). É desse curto tempo que tenho minhas dispersas lembranças de Júlia. Pouco depois, ela partiu para a África para buscar Lúcia que estava doente, com duas filhas pequenas. Grassava a malária em Moçambique e, para evitá-la, tomava-se uma dose de quinino por dia. Na viagem de volta, de navio, Júlia esqueceu-se de tomar uma das doses diárias de quinino. Chegou ao Brasil já doente e não se levantou mais da cama. Veio a falecer pouco depois. Albano e família já moravam em outra casa. Lúcia ficou com o pai por algum tempo, mas precisou mudar-se com as filhas. Margarida veio então da Europa, onde estava desde 1925, para morar com o pai. Com ele permaneceu até sua morte, 10 anos depois. Com a morte dele, ela se mudou para Santa Teresa, em outro casarão, esse dividido em três apartamentos. Nesse lugar, também agradabilíssimo, com linda vista para a cidade, permaneceu até o fim de sua vida. Sempre seguiu a tradição dos saraus, só que transformados em reuniões vespertinas, com chá, bolo, docinhos, e principalmente muita literatura, poesia e arte. Uns 9 ou 10 anos depois da mudança de Margarida para Santa Teresa, Claudio, já casado, mudou-se para outro apartamento do mesmo casarão. Lá nasceram todos os seus filhos e lá ele permanece até hoje. Um ano depois da mudança de Claudio, meu pai, minha mãe e eu, nos mudamos também para Santa Teresa, em outro prédio, próximo. Estava boa parte da família, novamente, radicada em Santa Teresa. Albano e Margarida, lá residiram até o fim da vida. Afonso e Lúcia tomaram caminhos diversos. Afonso, após aposentar-se, foi morar em Passa-Quatro, sul de Minas, e Lúcia morou alternadamente nos Estados Unidos e no Rio de Janeiro, mas em outros bairros.

## Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A falência*. Rio de Janeiro: Editora Oficina das Obras d'A Tribuna, 1901.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Ânsia eterna*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1903.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Cruel amor*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Aillaud, 1911.

ALMEIDA, Júlia Lopes de; ALMEIDA, Filinto de. *A casa verde*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

RIO, João do. Um lar de artistas. *In: \_\_\_\_\_*. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1994 [1908?]. p. 28-37. (Coleção Raul Pompeia, v. 1).

Recebido em: 5 de agosto de 2020.

Aprovado em: 11 de dezembro de 2020.